

You'll never walk alone: A cooperação como paradigma explicativo das dinâmicas das equipas desportivas

Pedro Lopes de Almeida^{*,**} e João Lameiras^{*,**}

YOU'LL NEVER WALK ALONE: COOPERATION AS AN EXPLANATORY PARADIGM OF THE DYNAMICS OF SPORTS TEAMS

KEYWORDS: Cooperation, sport, teams, review of literature.

ABSTRACT: This paper aims to provide a brief review of the construct of cooperation in sport, taking into account the manifest lack of literature in this field. Similarly, the objective is to present available tools for evaluating cooperation in sport, together with research conducted to date. Finally, we present some studies that are currently in progress and future challenges for this line of research. The importance of ongoing research in this field is highlighted, since cooperation can be considered to be a valid alternative paradigm for gaining an understanding of the dynamics of sports teams, with a need for further empirical and experimental evidence.

De uma forma geral, o estudo dos grupos humanos e da dinâmica que se produz em decorrência da sua da sua própria existência foi-se centrando na análise das relações entre os seus membros (essencialmente nos planos emocional e afectivo) com a importância de estudar a relação entre o rendimento do grupo e o objectivo a ser alcançado a surgir apenas a partir dos anos 50 do século passado. Mais recentemente, tem sido no contexto dos grupos organizacionais e especialmente no âmbito do desporto (portanto a necessidade de levar a cabo um determinado esforço físico, reconhecido ou não, diferencia este contexto de outros em que essa necessidade não está presente; como por exemplo, os organizacionais ou empresariais) que mais se tem estudado este tema.

Fundamentalmente, e circunscrevendo bastante este âmbito de estudo, existem actualmente dois grandes paradigmas que pretendem explicar as dinâmicas das equipas desportivas: a coesão e a cooperação. A coesão baseia-se na existência de um vínculo afectivo entre os membros de um grupo, e que, portanto, relaciona o desejo de integração e aceitação com o rendimento que se espera de cada membro dentro do grupo (Brawley, Carron & Widmeyer, 1987; Tannenbaum, Beard & Salas, 1992). Por seu turno, a cooperação fundamenta-se nas linhas traçadas por Adam Smith no seu conceito de “mão invisível” que contribui para o bem comum, e de Poundstone (1995) no seu “Dilema do Prisioneiro”, que afirma que os objectivos pessoais e grupais colidem sempre em alguma medida. Do mesmo modo, este autor defende que a sua resolução reside na relação face ao rendimento individual e à quantidade de esforço físico e mental que cada

membro (ou cada jogador) da equipa despense na consecução do objectivo comum.

Alguns autores (Garcia-Mas & Vicens, 1994, 1995; Van Vugt, Snyder, Tyler & Biel, 2000) afirmam mesmo que, comparativamente com a coesão, o marco teórico da cooperação possui uma superior capacidade explicativa da dinâmica interna e externa das equipas desportivas orientadas para o rendimento, na medida em que permite trabalhar com variáveis bem definidas e capazes de ser observadas e avaliadas mais facilmente do que variáveis que afectam todo o grupo.

Como tal, o presente capítulo tem como objectivo apresentar uma breve revisão do conceito de cooperação desportiva e dos principais modelos teóricos postulados, bem como dos instrumentos de avaliação criados, da investigação actual e de um conjunto de estudos que se encontram em execução e que pretendem contribuir para a compreensão do conceito de cooperação como paradigma explicativo das dinâmicas das equipas desportivas.

Conceito de cooperação desportiva

É quase impossível falar de cooperação desportiva sem antes se falar, ainda que seja brevemente, de coesão de equipa. Contudo, embora sejam dois mecanismos da dinâmica interna das equipas, possuem fontes psicológicas diferentes e que são percebidas como tal pelos jogadores da equipa (Garcia-Mas et al., 2009). Ainda no que concerne à distinção entre cooperação e coesão, e de acordo com Olmedilla e colaboradores (2011) a

Correspondência: Pedro Lopes de Almeida. Rua Jardim do Tabaco, 34, 1149-041 Lisboa, Portugal. E-mail: Pedro@ispa.pt

* ISPA - Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida. Núcleo de Psicologia do Desporto e da Actividade Física (NPDAF-ISPA-IU) - Unidade de Investigação em Psicologia e Saúde (UIPES-I&D).

** Gabinete de Psicologia – Sport Lisboa e Benfica, Futebol – SAD.

— *Artículo invitado con revisión*

coesão representa o nível de afiliação social (tanto pelo grupo como pela tarefa a realizar), a cooperação representa a busca de objectivos pessoais e de equipa e a sua combinação para que se produzam comportamentos de equipa (p. 232).

Neste sentido, o paradigma da cooperação desportiva surge, por um lado, da necessidade de explicar o resultado das interacções no seio da equipa, e por outro de explicar a dupla situação cooperação/competição que ocorre entre jogadores e treinadores de uma mesma equipa (Garcia-Mas, 2001, 2006).

Aparentemente, a primeira citação explícita do conceito de cooperação e competição no interior dos grupos foi feita por Deutsch (1949a, 1949b). Segundo o autor esta dualidade está assente em três pressupostos que regulam os processos sociais: a interdependência dos objectivos, o tipo de acção desenvolvida e os efeitos das acções do outro no próprio.

Tal como referido anteriormente, na conceptualização deste marco teórico foram adaptados modelos tais como o Dilema do Prisioneiro (Poundstone, 1995; Thibaut & Kelly, 1959), onde são definidas as distintas condutas de cooperação ou competição entre dois jogadores com um objectivo aparentemente comum, que se vêem obrigados a tomar decisões com informação nula acerca da decisão do outro, e informação parcial acerca das interacções passadas do outro jogador. Esta orientação fundamenta-se no intercâmbio de custos e benefícios percebidos pelo jogador graças ao facto de se integrar na equipa, o que indicia que o seu comportamento foi motivado principalmente por interesse próprio (Miller, 1999).

Na Psicologia do Desporto, a cooperação tem sido definida como a busca da concretização de objectivos pessoais e colectivos, e da sua combinação, de forma a produzir um determinado comportamento desportivo (Garcia-Mas et al., 2009; Olmedilla, Ortega, Almeida, Lameiras, Villalonga, Sousa, Torregosa, Cruz & Garcia-Mas, 2011).

Segundo Fernández-Ríos, Rico e San Martín (2004) também se poderia entender este conceito como a resolução de um conflito entre interesses opostos ou como parte da conduta prossocial, como com o altruísmo e egoísmo, o voluntarismo social ou a partilha de bens comuns (Van Vugt et al., 2000). Por seu turno, Garcia-Mas e colaboradores (2006) afirmam que a necessidade de interacção leva à integração deste conceito nas teorias de Campo de Lewin (1948), dada a consciência dos jogadores de possuírem um destino interdependente, tanto objectivo e real como percebido.

Recentemente, tem sido defendido que a cooperação é uma expressão das tendências prossociais determinadas evolutivamente na espécie humana (Cloninger & Kedia, 2011), que inclui a existência de mecanismos neurobiológicos que potenciam a cooperação através da aprendizagem e de sistemas de recompensa (Rilling, 2011).

Em suma, a coesão grupal orientada para o rendimento poderia ser complementada pela situação cooperadora/competidora bipessoal, isto é, trata-se de uma tomada de decisão dinâmica fundamentada na interacção repetida entre pessoas que buscam alcançar um objectivo, a partir da integração numa equipa desportiva (Olmedilla et al., 2011). De seguida serão apresentados alguns modelos teóricos que englobam os processos acima descritos e considerados como sendo os mais relevantes para o estudo da cooperação desportiva.

Modelo de interaccional referente ao comportamento desportivo (Rabbie, 1995)

Para o autor, a tomada de decisão individual de cooperar ou competir depende de vários factores associados à equipa desportiva, nomeadamente a comunicação, a informação sobre as opções, o facto haver ou não relações de confiança mútua entre os seus membros, a responsabilidade e identidade grupal.

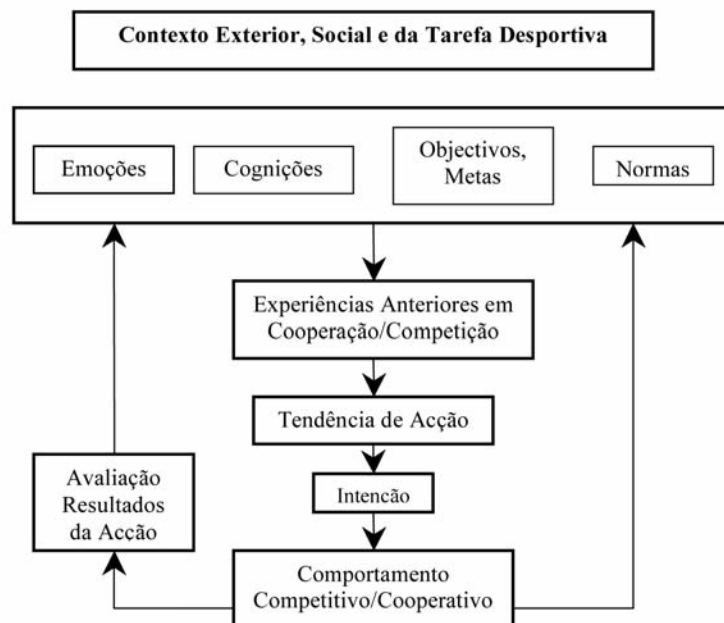


Figura 1. Modelo de interacção relativo à conduta desportiva (Rabbie, 1995, adaptado por Garcia-Mas, 2001).

Na Figura 1 pode-se observar o modelo global proposto por Rabbie (1995) e adaptado por Garcia-Mas (2001), que visa explicar o fenómeno de cooperação aplicado a uma diversidade de situações. Este modelo, ao contrário dos que são baseados em traços, enfatiza a importância da experiência interactiva como factor principal. Desta forma, um jogador pode modificar a sua tendência inicial de cooperar ou competir, tendo em conta alguns dos factores considerados no modelo: pessoais, interactivos e situacionais. Todos estes factores influem significativamente na decisão de cooperar ou não com os companheiros, com o treinador e com o objectivo grupal.

De igual modo, Rabbie (1995) define um conjunto de cinco factores, todos eles integráveis no seu modelo e passíveis de serem avaliados, analisados e eventualmente formar parte de um programa de intervenção para melhorar os níveis de cooperação num dado grupo: comunicação; informação sobre as opções escolhidas pelos restantes membros da equipa; confiança nos restantes membros da equipa; responsabilidade e valores sociais; e identidade intergrupal.

Modelo de cooperação desportiva (Garcia-Mas et al., 2006)

Apesar da carência em termos da investigação desenvolvida neste âmbito, é evidente que um jogador enfrenta repetidamente nos treinos e nas competições a necessidade de optar por uma conduta desportiva, podendo esta ser mais ou menos cooperativa (com os seus companheiros, treinador, com a tática ou estratégia) ou mais ou menos competitiva (Garcia-Mas, 2006; Garcia-Mas & Vicens, 1994, 1995).

Assim, o modelo de cooperação proposto por Garcia-Mas e colaboradores (2006) surge essencialmente devido a duas razões: 1) a necessidade de se explicar as interacções que se desenvolvem no seio de uma equipa; 2) a necessidade de se explicar a dupla situação cooperação/competição que acontece entre os jogadores e entre estes e o treinador.

Relativamente ao primeiro pressuposto, Cratty & Hanin (1980) identificaram três tipos de atletas quanto à sua situação prévia e à sua interacção: 1) o jogador que é altamente individualista, cujas principais preocupações são a sua carreira e o seu êxito pessoal; 2) o jogador que está preocupado com a equipa e que está ciente de que o êxito da equipa pode servir de intermediário para o seu próprio êxito; 3) o jogador que se encontra totalmente imerso na equipa e que acredita que o êxito e o fracasso da equipa são o seu próprio êxito e fracasso. Ainda assim pode-se entender que cada jogador acaba sempre por ter que optar por uma atitude ou conduta dentro da equipa desportiva e até mesmo fora dela e, que em última análise, serão essas opções de conduta que irão influenciar positiva ou negativamente o desempenho da equipa (Lameiras, Almeida & Garcia-Mas, em revisão; Olmedilla et al., 2011).

Partindo então desta noção de que o jogador terá sempre que tomar uma decisão quanto a uma atitude ou conduta a adoptar, é importante perceber que essas decisões poderão ir ao encontro de condutas mais ou menos cooperantes ou mais ou menos competitivas. Assim, as variáveis fundamentais do conceito de cooperação desportiva são: a tomada de decisão, os objectivos de cada jogador, do treinador e da equipa, os objectivos comuns e opostos, as interacções e interdependências e; as informações acerca dos resultados de cooperação e/ou competição. (Garcia-Mas, et al. 2006).

Garcia-Mas (2001) refere três possíveis tipos de jogadores quanto à sua predisposição para cooperar:

1. O jogador racional (jogador não competitivo): São jogadores normalmente insensíveis às circunstâncias e às consequências das suas acções competitivas, bem como ao próprio ambiente de balneário. Este tipo de jogador só cooperará muito pontualmente e se porventura os seus interesses pessoais coincidirem com os da equipa.

2. O jogador causal ou utilitarista: Estes jogadores interessam-se tanto pelas circunstâncias como pelas consequências das suas acções cooperadoras. Encontram-se motivados pelas consequências reais que possam advir do facto de cooperarem.

3. O jogador de equipa (o jogador cooperante): Estes jogadores cooperam, movidos pelo princípio de justiça, tendo sempre em mente o bem do grupo em função do objectivo fixado.

Contudo, em determinadas circunstâncias e com a finalidade de assegurar a continuidade da existência funcional da equipa, os jogadores de uma equipa necessitam suspender em alguma proporção a realização parcial ou total dos seus objectivos individuais, o que reforça a noção de que nem todas as condutas sociais cooperativas são exclusivamente motivadas pelo alcance de objectivos individuais (Garcia-Mas et al., 2009). Neste sentido, e considerando as diferenças individuais, deve ser tida em conta a existência de uma tendência disposicional mais estável que influa na tomada de decisão de competir ou cooperar (Meligno & Korsgaard, 2004).

Em função das considerações apresentadas anteriormente, Garcia-Mas e colaboradores (2006) propuseram um Modelo Conceptual de Cooperação Desportiva (Figura 2). Este assenta no pressuposto de que a conduta desportiva observável de um jogador será em parte dependente da sua decisão em cooperar ou não face a um objectivo comum. Esta decisão pode ser tomada em função de um factor disposicional mais estável, que reflecte uma tendência pessoal para cooperar ou competir, ou em função de factores de ordem situacional relativos a estímulos ambientais.

Neste modelo são incluídos factores interactivos, relacionados com as características do grupo e as relações que verificam dentro do mesmo, assim como o estabelecimento de objectivos individuais e grupais; factores disposicionais, relacionados com a tendência pessoal para cooperar ou competir; e situacionais, que fazem referência aos estímulos ambientais para cooperar ou competir, como podem ser as diferentes situações que podem ocorrer durante a competição e que terão o seu peso na decisão de cooperar ou não com os companheiros, com o treinador ou com o objectivo grupal.

Adicionalmente, o modelo postula que, em função das características da equipa, cada jogador vai criar uma tendência para cooperar ou competir, a qual por seu turno poderá estabelecer-se de forma condicionada ou incondicionada. Assim, os jogadores perante uma determinada situação na qual optem por cooperar, poderão fazê-lo de forma condicionada, em função da actuação dos seus companheiros ou situação concreta, ou de forma incondicionada onde o jogador decide cooperar independentemente da situação que enfrente (Garcia-Mas, 2006).

Esta percepção de cooperação será estabelecida também em função da situação ou contexto em que o jogador se encontre, seja dentro ou fora do campo, já que pode influir de forma determinante o tipo de tomada de decisão. Para além disso, o agente com o qual se estabeleça a situação cooperativa, como pode ser o treinador, os companheiros, etc., também pode ser determinante aquando da tomada de decisão.

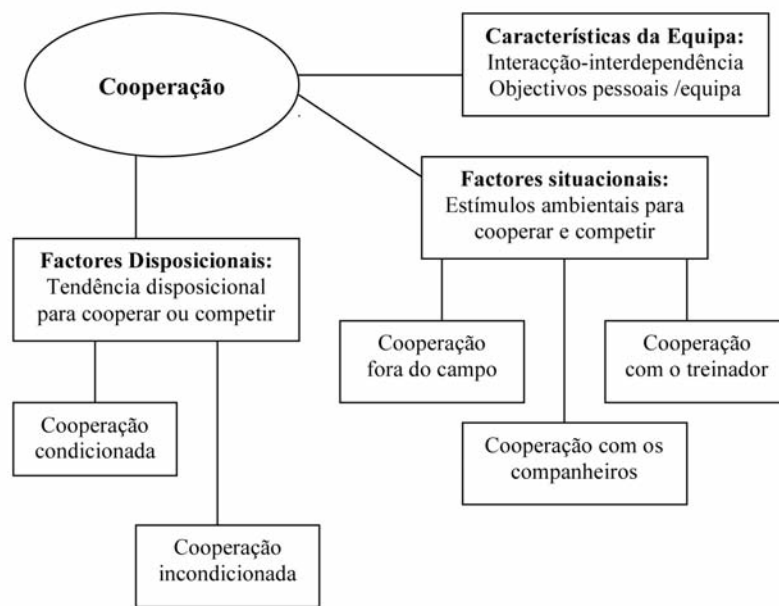


Figura 2. Modelo Conceptual de Cooperação Desportiva (adaptado de Garcia-Mas et al., 2006).

Tal como referido anteriormente, o interesse recente da investigação no âmbito da cooperação desportiva originou, por consequência, a necessidade de desenvolver instrumentos fiáveis que permitissem a avaliação e operacionalização da variável. Seguidamente serão apresentados duas versões de um questionário, decorrentes de duas aplicações a populações e com diferentes soluções factoriais, que pretende contribuir para o estudo e avaliação da cooperação no âmbito desportivo.

Avaliação e mensuração da cooperação desportiva

Questionário de Cooperación Deportiva (CCD)

Tendo por base o Modelo Conceptual de Cooperação Desportiva, Garcia-Mas e colaboradores (2006) criaram o CCD. Este instrumento foi desenvolvido sob o pressuposto de que a cooperação se sustenta em duas bases: (1) a concepção racional e utilitarista, derivada da interação e interdependência interna, de tomadas de decisões pessoais quanto a cooperação ou com o objectivo da equipa; (2) a disposição pessoal para demonstrar condutas cooperantes sem esperar nada em troca.

Sustentando-se no modelo conceptual apresentado anteriormente e no âmbito do mesmo estudo, foi aplicada esta versão composta por 21 itens a uma amostra de 106 jogadores de futebol de competição com idades compreendidas entre os 11 e os 31 anos ($M = 16.47$; $DP = 8.19$), que competiam em equipas espanholas e mexicanas. No que diz respeito à análise das propriedades psicométricas, em concreto ao estudo da validade, os autores realizaram uma análise factorial exploratória que revelou uma estrutura factorial composta por 5 factores. O primeiro factor, composto pelos itens que reflectiam a Cooperação Condicionada, explicava 15% da variância total, o segundo factor denominado de Cooperação o Treinador explicava

14%, o terceiro factor, Cooperação Incondicionada explicava 13.6% da variância, o quarto factor denominado Cooperação com os Companheiros explicava 12% da variância e, por último, o factor Cooperação Fora do Terreno de Jogo explicava 9.5% da variância total.

Apesar das diferentes sub-escalas possuírem um número reduzido de itens, os valores de α de Cronbach revelaram-se aceitáveis, variando entre .72 para a Cooperação Incondicionada e .77 para a Cooperação Condicionada.

Questionário de Cooperação Desportiva (QCD-p)

O QCD-p (Almeida et al., 2012) resulta de uma adaptação para a população portuguesa do CCD, descrito anteriormente. Neste estudo, a amostra foi constituída por 127 atletas praticantes de futebol de competição com idades compreendidas entre os 18 e os 35 anos ($M = 23.12$; $dp = 4.59$). A análise factorial confirmatória obtida no primeiro estudo de desenvolvimento da primeira versão do questionário, revelou que os dados obtidos com a versão portuguesa não apresentavam uma total sobreposição aos obtidos com a versão espanhola. Considerando estes resultados, e tendo em conta a dupla fonte de cooperação (disposicional e situacional) postulada pelo modelo conceptual de cooperação desportiva (Garcia-Mas et al., 2006), os autores propuseram uma nova estrutura factorial de forma a melhorar a validade de constructo do questionário (Figura 3).

Nesta nova estrutura factorial e à semelhança do sugerido pelos autores no estudo original, a cooperação situacional (com os companheiros de equipa e fora de campo) foi englobada na disposição geral para cooperar, ampliando-se o conceito de disposição a cooperar e reduzindo-se os factores situacionais previstos teoricamente no modelo original.

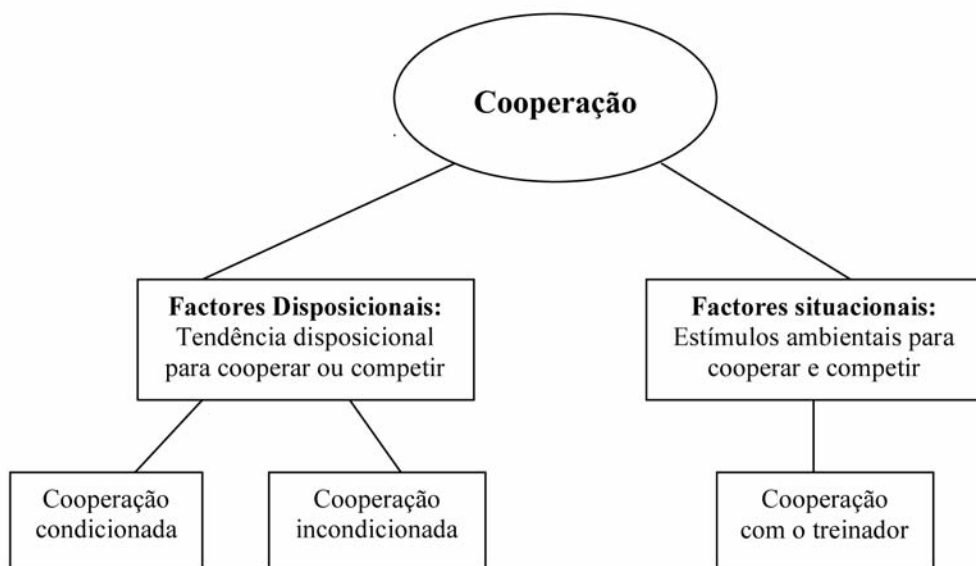


Figura 3. Modelo de medida do QCD-p obtido por abordagem exploratória (a partir de Almeida et al., 2012).

Assim, na sua versão final, o QCD-p ficou constituído por 12 itens agrupados por dois factores disposicionais (Cooperação Condicionada e Cooperação Incondicionada) e um factor situacional (Cooperação com o Treinador). A análise dos índices de qualidade de ajustamento revela um bom ajustamento das sub-escalas modificadas à amostra em estudo. No que se refere à sua consistência interna, os valores de α de Cronbach variaram entre .70 para a sub-escala Cooperação Condicionada e .76 para a sub-escala cooperação com o Treinador ($\alpha = .76$), considerados aceitáveis para a dimensão da amostra e número de itens da escala.

Investigação e desafios futuros no âmbito do estudo da cooperação desportiva

No âmbito das equipas desportivas – contrariamente ao que sucede nas áreas da economia ou da educação – têm sido escassos os esforços para estudar a cooperação, assumindo-se como um constructo teórico que necessita ainda de comprovação empírica e experimental (Garcia-Mas, 2006; Garcia-Mas et al., 2009; Lameiras et al., no prelo). De facto são escassas as referências à investigação nesta temática, sendo o estudo realizado por Orlick (1978) que procurou precocemente a oportunidade de estabelecer jogos/ dinâmicas cooperativas na aprendizagem de competências desportivas no seio das equipas e o estudo realizado no golfe por Johnson, Bjorkland e Krotee (1984) as excepções a esta realidade. Apenas recentemente, na senda dos trabalhos de fundamentação teórica desenvolvidos por Garcia-Mas (2001, 2006) e tendo por base o seu modelo de cooperação desportiva, é que se têm desenvolvido investigações que pretendem estudar a cooperação desportiva e a sua relação com outras variáveis relacionadas com o rendimento das equipas.

Um dos estudos pioneiros neste âmbito foi desenvolvido por Garcia-Mas e colaboradores (2009) e teve como objectivo

analisar a relação entre cooperação e coesão numa amostra de 423 praticantes de futebol espanhóis que competiam nos escalões infantis, iniciados e juvenis. Os resultados deste estudo mostraram a existência de correlações positivas entre a coesão e as diferentes sub-escalas de cooperação (incondicionada, com os companheiros, com o treinador e fora de campo). De igual modo, afirmam que os atletas reconhecem que o seu esforço técnico, tático e físico dependem, de certa forma, da maneira como se sentem atraídos ou próximos dos seus companheiros de equipa e dos seus treinadores, e simultaneamente este facto pode ser determinado pelo modo como psicologicamente percebem que a pertença à equipa os pode ajudar a alcançar os seus objectivos desportivos e pessoais. Por último os autores concluíram que apesar de verificarem a relação entre cooperação e coesão, estes dois constructos funcionam de forma relativamente independente e não podem ser considerados como duas expressões de um único mecanismo psicológico, inerentemente associado às dinâmicas internas de uma equipa desportiva em competição.

Um segundo estudo desenvolvido por Olmedilla e colaboradores (2011) pretendeu dar sequência à investigação apresentada anteriormente. Para tal, e pretendendo aumentar a representatividade da amostra, a mesma foi constituída por 945 futebolistas espanhóis que competiam nos escalões de infantis, iniciados e juvenis. Os resultados indicaram a existência de correlações positivas entre a coesão e a cooperação condicionada, incondicionada, com o treinador, companheiros e fora do campo de jogo. De igual modo, e embora com valores relativamente baixos, os resultados demonstraram a existência de correlações positivas entre a cooperação e as diferentes sub-escalas da coesão (clareza, aceitação e percepção de execução de papel). Adicionalmente, os resultados revelaram diferenças significativas entre jogadores titulares e suplentes, relativamente à sua percepção de coesão, percepção da execução de papéis e cooperação condicionada, sendo que os atletas titulares apresentaram valores superiores em todas as variáveis.

De acordo com os autores, os resultados deste estudo conjuntamente com os verificados na investigação anterior (Garcia-Mas et al., 2009) reforçam a relação entre os dois constructos, embora o nível de correlação (ou de dependência mútua) não permita considerar que se trata de duas expressões distintas de um único e mesmo mecanismo psicológico. Os resultados obtidos nestes estudos revelam que os factores internos da cooperação se comportam de forma mais independente, sendo relevante a ausência de relação entre a cooperação condicionada e a cooperação incondicionada.

Tal como referido anteriormente, a investigação no âmbito da cooperação desportiva é escassa, sendo essencial desenvolver esforços no sentido de melhor compreender este constructo (e a

sua relação com outras variáveis psicológicas associadas ao rendimento desportivo) que se assume como um válido paradigma explicativo das dinâmicas das equipas desportivas. De um ponto de vista aplicado, o conhecimento aprofundado destas dinâmicas pode facultar pistas importantes visando potenciar a actuação e intervenção por parte dos profissionais cuja responsabilidade é otimizar o desempenho das equipas e, consequentemente, o alcance dos seus objectivos desportivos e/ou formativos (Olmedilla et al., 2012). É neste sentido que, numa sinergia entre o ISPA e a Universidade das Ilhas Baleares (Espanha), estão a ser efectuados um conjunto de estudos que pretendem contribuir para a comprovação empírica e experimental do constructo (Tabela 1).

Autores	Título	Objectivos	Principais resultados
Almeida, Lameiras e Aguiar	<i>Com que Mister treinamos hoje? Liderança, cooperação e performance num sistema de rotação de treinadores de futebol.</i>	Analisar o efeito de um sistema de rotação de treinadores na percepção de liderança, cooperação e rendimento numa equipa de futebol juvenil.	-Em fase de execução.
Almeida, Lameiras e Gualdino	<i>Estudo da relação entre cooperação desportiva e a percepção de eficácia colectiva em atletas praticantes de diversas modalidades colectivas, que competem a nível nacional.</i>	Investigar a relação entre cooperação desportiva e a percepção de eficácia colectiva em atletas juniores e seniores praticantes de diversas modalidades colectivas, que competem a nível nacional.	-Todas as sub-escalas da cooperação se correlacionaram positivamente com as diferentes dimensões da eficácia colectiva (Capacidade, Esforço, Persistência, Preparação e União).
Almeida, Lameiras e Lopes	<i>Impacto de uma acção de Team Building militar na coesão e cooperação de uma equipa de futebol júnior</i>	Analisar a existência de diferenças significativas nas percepções de Coesão e de Cooperação numa equipa desportiva, mediante uma intervenção de <i>Team Building</i> de cariz Militar. De igual modo pretende-se analisar como as variáveis psicológicas (coesão e cooperação) se relacionam entre si.	-Não se verificaram diferenças médias na cooperação depois da intervenção; -No momento pós-intervenção, a variável Atracção Individual para o Grupo – Social apresenta uma relação positiva com a Cooperação com o Treinador; - No momento pós <i>Team Building</i> a Atracção Individual para o Grupo – Tarefa, relaciona-se negativamente com a variável Cooperação Condicionada e positivamente com a Cooperação com o Treinador; - A Integração no Grupo – Social, relaciona-se negativamente com a Cooperação Condicionada no momento pós-intervenção; -Verifica-se que a Integração no Grupo – Tarefa antes da intervenção se relaciona positivamente com a Cooperação com o Treinador no momento pós <i>Team Building</i> .
Lameiras, Almeida e Garcia-Mas	<i>Relações entre cooperação e orientação motivacional em atletas profissionais de desportos colectivos.</i>	Analisar a relação entre a cooperação desportiva e a orientação motivacional em atletas profissionais, numa amostra composta por 158 desportistas masculinos que competem em modalidades colectivas.	-Os resultados enfatizam a heterogeneidade das equipas desportivas e revelam uma relação positiva entre a orientação para a tarefa e a cooperação global e incondicionada; -Verificou-se também uma relação positiva entre a orientação para a tarefa e a cooperação com o treinador, constatando-se o oposto para a orientação para o ego.
Lameiras, Monteiro e Almeida	<i>Compromisso organizacional, cooperação e auto-sabotagem em equipas de futebol.</i>	Analisar a relação entre as percepções de compromisso organizacional e cooperação, na adopção de usar ou não estratégias de auto-sabotagem em atletas de futebol.	-Em fase de execução.
Lameiras, Almeida e Garcia-Mas e Roques	<i>Cooperação desportiva e liderança: uma possível relação</i>	Averiguar a possível relação estabelecer a entre cooperação desportiva e o tipo de liderança adoptada pelo treinador, numa amostra constituída por 260 atletas dos escalões de juniores e seniores praticantes de modalidades colectivas.	- Existe uma correlação positiva entre cooperação condicionada e as dimensões de liderança referentes ao Feedback Positivo, Comportamento Autocrático e Comportamento Democrático; - Correlação positiva entre a cooperação incondicionada e as sub-escalas Treino e Instrução e Feedback Positivo; - Correlação positiva entre a cooperação com o treinador e as sub-escalas Treino e Instrução, Apoio Social e Feedback Positivo.

Tabela 1. Investigação em desenvolvimento no âmbito do estudo da cooperação desportiva.

Em suma, é essencial dar continuidade ao estudo (empírico e experimental) da cooperação desportiva no sentido de contribuir para a validação do modelo conceptual o que, consequentemente, permitirá aprofundar o conhecimento das dinâmicas internas das equipas desportivas. De um ponto de vista aplicado, é igualmente

fundamental compreender melhor se existe ou não alguma relação entre os diferentes níveis e perfis de cooperação numa equipa e o seu rendimento. Este conhecimento permitirá delinear estratégias de intervenção eficazes que permitam modificar estas variáveis nas equipas desportivas.

A COOPERAÇÃO COMO PARADIGMA EXPLICATIVO DAS DINÂMICAS DAS EQUIPAS DESPORTIVAS

PALAVRAS-CHAVE: Cooperação, Desporto, Equipas, Revisão de literatura.

RESUMO: O presente artigo teve por objectivo fazer uma breve revisão do constructo de cooperação desportiva, sendo manifesta a escassez de literatura neste âmbito. De igual modo, pretendeu-se apresentar os instrumentos disponíveis para a sua avaliação, bem como a investigação realizada até à data. Por último, são apresentados alguns estudos que se encontram actualmente em execução e os desafios futuros desta linha de investigação. É de salientar a importância da continuidade da investigação neste âmbito, visto que a cooperação pode ser considerada como um paradigma alternativo válido no estudo e compreensão das dinâmicas das equipas desportivas, que necessita ainda de evidência empírica e experimental.

LA COOPERACIÓN COMO PARADIGMA EXPLICATIVO DE LAS DINÁMICAS DE LOS EQUIPOS DEPORTIVOS

PALABRAS CLAVE: Cooperación, Deporte, Equipos, Revisión de literatura.

RESUMEN: El presente artículo tiene como objetivo proporcionar una breve revisión del constructo de la cooperación deportiva, considerando la manifiesta escasez de la literatura en este campo. Además, se pretende presentar los instrumentos disponibles para la evaluación de la cooperación deportiva, así como la investigación realizada hasta la fecha. Finalmente, se trata de presentar algunos estudios que se hallan actualmente en ejecución y los desafíos futuros de esta línea de investigación. En conclusión, se justifica realizar la importancia de continuar en la profundización y la investigación en este ámbito, dado que la cooperación puede ser considerada como un paradigma alternativo válido para la comprensión de las dinámicas de equipos deportivos, pero que aún necesita más evidencias empíricas y experimentales.

Referências

- Almeida, P. L., Lameiras, J., Olmedilla, A., Ortega, E. & Garcia-Mas, A. (2012). Avaliação da percepção de cooperação desportiva: propriedades psicométricas da adaptação portuguesa do CCD. *Laboratório de Psicologia*, 1(10), 25-37.
- Brawley, L. R., Carron, A. V. & Widmeyer, W. N. (1987). Assessing the cohesion of sport teams: Validity of the Group Environment Questionnaire. *International Journal of Sport Sociology*, 9, 89-108.
- Cloninger, C. R. & Kedia, S. (2011). The Phylogenesis of Human Personality: Identifying the precursors of Cooperation, Altruism and Well-Being. In R.W. Sussman & C.R. Cloninger (Eds.), *Origins of Altruism and Cooperation* (pp. 63-107). New York: Springer.
- Cratty, B. J. & Hanin, Y. (1980). *The athlete in the sports team; social psychology guidelines for coaches and athletes*. Denver, CO: Love Publishers.
- Deustch, M. (1949a). A theory of cooperation and competition. *Human Relations*, 2, 129-152.
- Deustch, M. (1949b). An experimental study of the effects of cooperation and competition upon group processes. *Human Relations*, 2, 199-231.
- Fernandez-Rios, M., Rico, R. & San Martín, J. (2004). Organizations as meaning systems: time for clarity. *Psicothema*, 16, 2, 222-228.
- Garcia-Mas, A. (2001). Cooperation and competition in sports teams. *Andlise Psicológica*, 1(XXI), 115-130.
- Garcia-Mas, A. (2006). El funcionamiento de los equipos deportivos: Dinámica externa e interna y liderazgo deportivo. In E. J. De Los Fayos, A. Olmedilla & P. Jara (Eds.) *Psicología y Deporte* (pp. 205-236). Murcia: Diego Marín.
- Garcia-Mas, A. & Vicens, P. (1994). La psicología del equipo deportivo. Cooperación y rendimiento. *Revista de Psicología del Deporte*, 6, 79-87.
- Garcia-Mas, A. & Vicens, P. (1995). Cooperación y rendimiento deportivo. *Psicothema*, 7(1), 5-19.
- Garcia-Mas, A., Olmedilla A., Morilla, M., Rivas, C., García, E. & Ortega, E. (2006). Un Nuevo modelo de cooperación deportiva y su evaluación mediante un cuestionario. *Psicothema*, 18(3), 425-432.
- Garcia-Mas, A., Olmedilla, A., Ortega E., Almeida, P. L., Lameiras, J., Sousa, C. & Cruz, J. (2009). Cooperation and cohesion in football teams in competition. *International Journal of Hispanic Psychology*, 2(1), 29-46.
- Johnson, R. T., Bjorkland, R. & Krotee, M. L. (1984). The effects of Cooperative, Competitive and Individualistic Student Interaction Patterns on the Achievement and Attitudes of Students learning the golf skill of Putting. *Research Quarterly for Exercise and Sport*, 55, 129-134.
- Meglino, B. M. & Korsgaard, A. (2004). Considering Rational Self-Interest as a Disposition: organizational Implications of Other Orientation. *Journal of Applied Psychology*, 89, 946-959.
- Miller, D. T. (1999). The norm of self-interest. *American Psychologist*, 54, 1053-1060.
- Lameiras, J., Almeida, P. L. & Garcia-Mas, A. Relationship between cooperation and goal orientation among professional team players. Manuscrito submetido para publicação na *Perceptual and Motor Skills*.
- Lewin, K. (1948). *Resolving Social Conflicts*. New York: Harper & Row.
- Olmedilla, A., Ortega, E. Almeida, P. L., Lameiras, J., Villalonga, T., Sousa, C. & Garcia-Mas, A. (2011). Cohésion y cooperación en equipos deportivos. *Anales de Psicología*, 27(1), 232-238.
- Orlick, T. (1978). Cooperative games: Systematic analysis and cooperative impact. In F. Smoll & R. Smith (Eds.), *Psychological perspectives in youth sports* (pp. 12-57). New York: Hampshire.
- Poundstone, W. (1995). *The dilemma of the prisoner*. Madrid: Alianza.
- Rabbie, J. M. (1995). Determinantes de la cooperación instrumental intragrupo. In R. A. Hinde & J. Groebel (Eds.), *Cooperación y conducta prosocial* (pp.97-131). Madrid: Visor Aprendizaje.
- Rilling, J. K. (2011). The Neurobiology of Cooperation and Altruism. In R.W. Sussman & C.R. Cloninger (Eds.), *Origins of Altruism and Cooperation* (pp. 295-306). New York: Springer.
- Tannenbaum, S. I., Beard, R. L. & Salas, E. (1992). Team Building and its influence on team effectiveness: An examination of conceptual and empirical developments. In K. Kelley (Ed.), *Issues, Theory and research in industrial/organizational psychology* (pp. 56-85). Amsterdam: Elsevier.
- Thibaut, J. W. & Kelley, H. H. (1959). *The social psychology of groups*. New York: Wiley.
- Van Vugt, M., Snyder, M., Tyler, T. R. & Biel, A. (2000). *Cooperation in Modern Society*. London: Routledge.